

Desemprego x inflação

A crítica do ministro Fernando Henrique Cardoso, da Fazenda, aos empresários que se aproveitaram da troca de moeda para jogar para cima seus preços foi contestada prontamente pelas lideranças empresariais de todo o País, mas a verdade é que foram muitos os aumentos abusivos, como constatou, por exemplo, aqui na capital a reportagem do Jornal de Brasília. Ficou comprovado que ocorre até mesmo aquilo que se dizia em tom de blague: que, no Brasil, mesmo os preços fixados em dólar crescem acima do ritmo da inflação. O ministro da Fazenda mais uma vez anuncia que vai acelerar a política de importações porque esta parece ser a única fórmula rápida de colocar os preços em patamares aceitáveis. Mas esta acaba sendo uma arma pouco eficaz porque o governo não pode abrir toda a economia, de modo a baixar realmente os preços, porque há uma grande preocupação com o desemprego. O Brasil, assim, está pagando caro pela sua abertura tardia à economia internacional. No outro lado, certos empresários ainda continuam a tirar vantagem do mercado cativo que aqui se formou — por força da megalomania nacionalista que marcou os governos de exceção — e que o governo não consegue desmontar por falta de instrumentos jurídicos, como ocorre nos países centrais.

A inflação desembestada derruba parâmetros. Ninguém consegue se referir com precisão ao preço pago, em moeda brasileira, por um determinado bem comprado há algum tempo. Não se sabe nem se ele foi pago em cruzados, cruzados novos ou cruzeiros. O máximo que as pessoas faziam antigamente era transformar aquela cifra em salários mínimos, um indicador nada confiá-

vel, porque seu valor varia — se calculado em dólar — de mês para mês e de dia para dia. No entanto, hoje em dia, quando se trata de bens mais caros — imóveis ou veículos — as pessoas vêm fazendo suas contas na moeda norte-americana. Está certo que os negócios acabam sendo pagos em cruzeiros reais, mas a verdade é que seus preços foram fixados em dólar. De certo modo, essa tendência começa a se firmar na classe média mesmo em relação a objetos menos valiosos. Veja-se o caso de aparelhos de fax, computadores ou telefones celulares, comprados aqui, diga-se de passagem, pelo dobro do seu preço em Miami. A verdade é que o dólar começa a fazer parte da vida dos brasileiros, como faz da dos uruguaio e dos argentinos. A tendência irreversível é que desça mesmo às camadas mais pobres da população. Os aposentados argentinos, por exemplo, trocam seus pesos, na porta do banco, pela moeda norte-americana. O mesmo começa a se dar aqui.

Assim, o que se deve fazer no Brasil é revisar em profundidade a lei que coíbe os monopólios e oligopólios, dotando-a de multas realmente pesadas para punir os que abusam de seu poderio econômico. Paralelamente, é preciso abrir o mercado interno para aqueles países que têm uma política aberta de importações. A questão do desemprego que pode causar parece não ter a amplitude que querem dar a ela sindicalistas e empresários. Há um momento em que se terá de optar entre a perda de alguns postos de trabalho e a queda da inflação. Este é o preço que o Brasil paga, como os países do leste Europeu, por tantos anos de autoritarismo centralizador e xenófobo.